

## 5. O sentido das coisas de Deus

"Tu és para mim um escândalo; teus pensamentos não são segundo Deus, mas dos homens!" (Mt 16,23). Literalmente se poderia traduzir: "És escândalo para mim, porque não tens o sentido das coisas de Deus, mas as dos homens". São Paulo dirá, quase no mesmo sentido, mas usando um outro termo: "Temos o pensamento de Cristo" (1 Cor 2,16).

Esse genitivo de pertença deve nos orientar. A quem pertence o meu pensamento, a quem pertence o meu juízo, meu sentimento, de quem é o sentido de tudo, a "sabedoria" que dirige minha vida, minhas escolhas, meu querer ou não querer? É "de Deus" ou "dos homens", isto é, mundano?

Quando Maria e José reencontraram Jesus, com doze anos, no Templo, o repreenderam por ter tomado outro caminho fora do comum, do ordinário, que seguiam, por ter feito uma escolha diferente da determinada. Jesus respondeu de modo parecido com o qual corrigirá Pedro: "Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?" (Lc 2,49), literalmente: "Não sabeis que devo estar nas coisas de meu Pai?". Jesus pertencia completamente ao Pai, por isso permaneceu no Templo, assim como permanecerá totalmente subordinado a Maria e José, em Nazaré (2,51a), pois também a sua família humana era *coisa de seu Pai*, a quem almejava pertencer por inteiro.

Ora, é este o sentido do pertencer ao Pai que Jesus pede a Pedro e aos seus, e pede do fundo do coração, ao pensamento que se move em nós e determina a liberdade, as escolhas, decisões, juízos, movendo o falar e o fazer de uma pessoa. O pede ao sentido que damos a nós mesmos e a toda a realidade.

Observamos que, quando Jesus exortou a seus pais sobre a prioridade de ser todo do Pai, do seu pertencer completamente ao Pai, Maria imediatamente iniciou um trabalho interior de pensamento, juízo, de conformação de sua liberdade à verdade revelada no Filho: "Sua mãe guardava todas estas coisas em seu coração" (Lc 2,51b). O menino imediatamente voltou de Jerusalém com os pais, e lhes era obediente, mas para Maria o acontecido não era uma travessura que terminou bem, para ser esquecida. As palavras de Jesus lhe levaram a fazer um salto de consciência, de entendimento interior, do sentido de viver, e de viver com Ele e, a partir de então sabia não poder voltar atrás, e nisto devia seguir Jesus completamente, porque Jesus também ia sempre mais adiante no dedicar-se às coisas do Pai, mesmo permanecendo com os pais como antes. Os pensamentos do coração de Maria guiaram sempre mais para sua liberdade, para seguir a obediência de Jesus ao Pai, como caminho da sua vocação.

Aproximadamente vinte anos depois, Maria não teria reagido como Pedro ao anúncio da Paixão, pois toda a sua vida foi formar-se nos pensamentos de Deus, mais preocupados em consentir que compreender tudo antes.

Ter o senso das coisas de Deus, significa mais uma disponibilidade do coração, uma abertura para o desígnio de Deus, portanto, uma condição de liberdade, uma concepção de sua própria liberdade, que uma compreensão ou concepção do que deve ou não acontecer. É uma postura do coração, da liberdade, no presente, gravada em Cristo agora, para depois segui-lo totalmente no futuro que muda tudo, se o meu presente se abandona aqui e agora às coisas de Deus, ao sentido das coisas de Deus.

Pensem que mudança de consciência, que aprofundamento de consciência, provocaram as palavras de Jesus, aos doze anos, em Maria, e certamente também em José. É impressionante só de pensar! Externamente, tudo ficou igual, tanto que nenhum Evangelho canônico traz alguma outra novidade, por pelo menos outros vinte anos. Antes, já eram cientes do mistério, mas até aquele dia Maria tinha meditado sobre as palavras do anjo, sobre o acontecido em Belém, ou sobre as palavras de Simeão e Ana no Templo, e José, ainda mais silencioso, também tinha meditado sobre as palavras do anjo e sobre os avisos dado em sonho, para salvar a vida do Menino. Mas até aquele episódio de Jesus aos doze anos, de Jesus não tinha vindo até então nada de especial, os Evangelhos não relatam palavras ou acontecimentos especiais, como os hagiógrafos amam criar para a infância dos santos.

Naquele dia no Templo, eis que o Verbo de Deus abre a boca, fala e diz algo que altera o curso normal de suas vidas, mesmo conscientes que era o Messias e Filho de Deus. Claro, Maria sempre esperava pelo que aconteceria com Ele. No entanto, naquele dia, não esperava uma novidade, não esperava assim. Viveu aquela circunstância e falou como qualquer mãe faria, com a mesma ansiedade, com a mesma angústia, talvez com o mesmo ressentimento atordoado, a mesma desorientação que provam os pais diante das incongruências dos adolescentes. E Jesus que olha, não se desculpa, e já tem autoridade para pedir-lhes um salto de sentido, de consciência, que interpela Maria e José, chamando-os a um salto de adaptação à Sua vocação e missão. Assim como será com Pedro e os discípulos, quando lhes dirá que deverá sofrer, morrer e ressuscitar para salvar o mundo.

Pedro precisava de uma forte exortação como um canhão, precisava de um soco no estômago para dar este salto de sentido, de consciência. À Maria e José, já totalmente rendidos ao plano do Pai, já propensos à escuta de Deus, era suficiente uma delicada chamada de atenção, uma simples questão, ou melhor duas questões correlacionadas: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?" (Lc 2,49)

Lucas observa: "Mas eles não entendiam as palavras que lhes tinha dito" (2,50).

Assim, como dizia, recomeça imediatamente a vida normal, cotidiana, trivial, silenciosa, fiel, pobre, escondida, por vinte anos ou mais. "Desceu com eles a Nazaré e lhes era submisso" (Lc 2,51). E Lucas logo acrescenta que Maria "guardava todas estas coisas [literalmente: todas estas *palavras*] em seu coração" (ibid.).